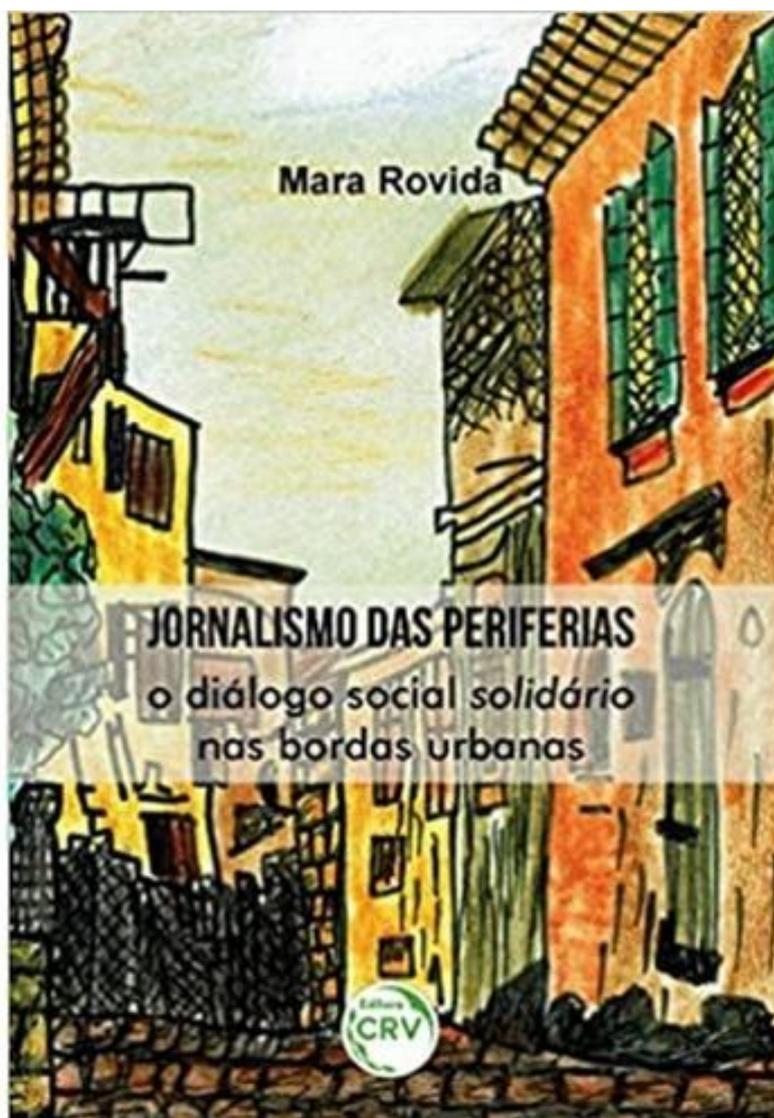


## Jornalismo das periferias: o diálogo social solidário nas bordas urbanas

**Paulo Celso da Silva** – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | SP | Brasil  
| E-mail: [paulo.silva@prof.uniso.br](mailto:paulo.silva@prof.uniso.br) | <https://orcid.org/0000-0002-0494-7408>



ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias:** o diálogo social solidário nas bordas urbanas. Curitiba: CRV, 2020. 178p.

e-issn: 2177-5788

Copyright @ 2021. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons –CC BY-NC-SA –Atribuição Não Comercial – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



A relação centro periferia é muito comum no vocabulário cotidiano. Em termos gerais, o que não é centro, é periferia. Ao menos o senso comum tende a compreender assim, de maneira simplista, algo que ao vivenciá-lo, percebemos sua dimensão.

A autora, originária de Guarulhos, nos propõe um exercício geográfico jornalístico (Sim nessa ordem! Contrariando a sua formação de jornalista na metrópole paulista) no qual o dialógico, o social e o solidário são unidos em um só conceito, assim: diálogo social solidário. Aqui estão reunidos, na mesa teórica, Émile Durkheim que traz o conceito de Solidariedade Orgânica e Cremilda Medina com o conceito de Dialogia Jornalística. Ao que a autora completa com a noção de bordas e temos uma situação complexa, vivida e (re)vivida no cotidiano com um Diálogo social solidário nas bordas.

Cotidiano tal que ocorre em espaços concretos da metrópole, portanto, urbano como algo que une/separa, simplifica/amplifica o viver contemporâneo de ter a cidade em seu interior e ser, ao mesmo tempo, mais que a cidade. A conceituação, enfim, se completa: O Diálogo social solidário nas bordas urbanas.

Definidos caminhos e trajetos, cabe pensar o movimento. Este é de interesse constante da autora, pois em 2015 lançou seu livro 'Jornalismo em Trânsito. O diálogo social solidário no espaço urbano', no qual pesquisou e analisou o movimento nos espaços da metrópole midiáticos na e pela Rádio Trânsito acompanhando repórteres na cobertura do trânsito. Percebemos a busca da autora pela solidariedade nos limites dos usos dos e nos espaços urbanos, ou seja, em 2015, no trânsito da metrópole paulista e, em 2020, na periferia. Encontrou solidariedade onde a mídia de massa somente encontra violência.

O interesse pelo movimento, nas palavras do próprio Milton Santos, o levou para a geografia. Aqui também, ao nos movermos de um lado e outro na cidade de São Paulo, acompanhando jornalistas vamos nos descobrindo geógrafos e construtores de territórios, sejam eles marcados pelo distanciamento, territórios de segregação, mas,



sobretudo, territórios de resistência. Construindo e desconstruindo, no fazer, a periferia de todos os dias, em bordas que se diferem entre si. Como bem descreveu o jornalista Paulo Talarico “a periferia de uma cidade não é igual À da outra” (ROVIDA, 2020, p. 49).

Certamente! Mesmo que a minha periferia encontre a sua, em uma conjugação de bordas, seremos nós, entretanto, cada um com sua identidade e cotidiano, afinal, eles esses dois momentos do existir, estão ligados fortemente, pois compõem a quarta e quinta dimensão do espaço, como sugeriu Santos (1996).

Por seu turno, na leitura dessa pesquisa em livro e ação, as periferias e suas bordas, apesar da distância, não nos sentimos distanciados. Personagens, lugares e territórios não repetem histórias e muito menos cotidianos, esses são intransferíveis, mas unem-se e unem-nos pela sua trajetória de fazer o que os hegemônicos se recusam a fazer e preferem reproduzir a exaustão palavras e conceitos: violênciaS, violentoS, pobreS, coitadoS, e assim, nas bordas são criadas fronteiras. Não se engane caro leitor: FronteiraS não servem para unir pessoas e territórios, mas para separá-los.

Dividido em cinco partes, nosso movimento inicia de maneira apropriada com “A descoberta”, no qual vamos nos relacionando com jornalistas e com a Rede Jornalistas das Periferias. “Periferia pelos periféricos” oferece o panorama traçado pelos sujeitos que o colorem no cotidiano. De posse de tais referenciais é o momento do “Jornalismo das periferias” ser detalhado no porquê difere e pode ser assim denominado: seu trabalho organizado de modo horizontal; o coletivo enfrentando diariamente as contradições da educação hierárquica e competitiva que todos somos formados; as muitas faces que se apresenta o jornalismo periférico para as diferentes maneiras de viver/ sentir as periferias para “Os jornalistas da periferia”. “O ponto de chegada” não encerra o movimento, mas serve de parada às reflexões que aconteceram durante todo o movimento que fizemos



acompanhados sempre pelas jornalistas e pelos jornalistas, que Mara Roviada nos apresentou.

Aproveitamos essa parada reflexiva para, a convite de da Dra. Cremilda Medina, que “Ensaieemos um diálogo (apontamentos)”. Como orientadora de doutorado - e permanentemente! - de Mara Roviada e de muitos jornalistas, ela capta uma parte da essência do livro, que as falas nos fazem intuir mas que não nomeamos ou, até mesmo, evitamos nomear para não ter de senti-lo. Diz ela, depois de narrar uma das passagens em que uma entrevistada contradiz a jornalista em uma questão já fechada, segundo Medina: “O episódio serviu para implodir certezas e opiniões tidas como tão sólidas. O exercício do afeto não é confortável e o jornalismo praticado com esse compromisso é uma arte desafiadora” (ROVIDA, 2020, p.169).

Depois de conceitos e outros apetrechos da racionalidade ocidental acadêmica, somos chamados pela Dra. Medina a reler o livro por outra ótica, agora daquilo que Milton Santos vai tratar como Emoração “que encontra seus fundamentos nessas trocas simbólicas que unem emoração e razão” (SANTOS, 1996, p. 256).

Para contrariar a autora, que tem no jornalismo a sua formação, o que ela nos propõe é, deveras, um exercício geográfico jornalístico (Sim nessa ordem! Primeiro geográfico, depois jornalístico) Natural de Guarulhos, ela também se pôs na estrada, nas vias e artérias que levam de sua cidade, na qual lugar e identidade são mesclados a cada ida-vinda, para as bordas urbanas em que se reconheceu e reconheceu as jornalistas.

## Referências

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica tempo razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.